

USO DE TELAS POR ADOLESCENTES AUTISTAS E POR ADOLESCENTES EM DESENVOLVIMENTO TÍPICO: PERCEPÇÃO PARENTAL

Vitória Nunes Vidal ¹
Cleomayra Tomaz da Silva ²
Maria Gabriela Vicente Soares ³
Lilian Kelly de Sousa Galvão ⁴

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) engloba uma variedade de desafios na interação social e na comunicação. Além disso, é marcado pela manifestação de comportamentos restritos e repetitivos, que podem variar em intensidade e natureza de um indivíduo para outro (APA, 2022; Rotta, Ohlweiler, Riesgo, 2016). Essas características variam, tornando o TEA uma condição diversificada, com desafios únicos para toda pessoa, conforme a Associação Americana de Psiquiatria (APA, 2022). Nesse sentido, em muitos casos, a tecnologia pode desempenhar um papel significativo no desenvolvimento e na comunicação de pessoas autistas. Em adolescentes autistas, o excessivo uso de dispositivos eletrônicos está correlacionado a dificuldades comportamentais, emocionais e de sono, conforme indicado por Ferguson *et al.* (2019).

As recomendações da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2019) sugerem que adolescentes entre onze e dezoito anos não devem ultrapassar três horas diárias de uso de telas. O uso excessivo de celulares e a conexão constante às redes sociais estão frequentemente associados ao desinteresse por outras atividades cotidianas. Estudos indicam que níveis mais altos de dependência das redes sociais correlacionam-se com sentimentos intensificados de solidão (Fonsêca et al., 2018). Portanto, é crucial que os adolescentes equilibrem o uso da tecnologia com outras atividades para promover seu bem-estar emocional.

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, vickynunesvidal@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - PB, cleomayrasilvat@gmail.com;

³ Mestranda do Curso de Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mgabriela.psicop@gmail.com;

⁴ Professora orientadora: Doutora em Psicologia Social, Universidade Federal da Paraíba - PB, liliangalvao@yahoo.com.br.

Arantes Junior et al. (2021) associaram o uso de telas após as 10 horas da noite, tanto durante a semana quanto nos fins de semana, com má qualidade do sono. Também observaram que todos os adolescentes do estudo tinham acesso a redes sociais e faziam uso noturno das telas.

A tecnologia, enquanto ferramenta de comunicação e aprendizagem, apresenta tanto oportunidades quanto riscos, especialmente quando não há uma gestão adequada do tempo de uso. A exposição excessiva às telas, especialmente em horários noturnos, pode exacerbar dificuldades existentes, como problemas de sono e comportamento, impactando negativamente o bem-estar geral dos adolescentes.

Fatores como a praticidade da portabilidade dos aparelhos (Bozza, 2016; Madigan *et al.*, 2019), o uso interativo (Kabali, *et al.* 2015) e o estado de vício (Farias, 2018) são apontados na literatura como possíveis preditores para o índice elevado de uso de telas por adolescentes. A facilidade com que esses dispositivos podem ser transportados e utilizados em diversos ambientes torna-os especialmente atraentes para os jovens, que podem acessá-los a qualquer momento e em qualquer lugar. Além disso, a interatividade proporcionada por aplicativos e jogos cria uma experiência mais envolvente e estimulante, aumentando o tempo de uso. O vício, caracterizado pela dificuldade de controlar o tempo gasto em frente às telas e pela necessidade constante de estar conectado, também contribui significativamente para o aumento do uso. Esses fatores, juntos, podem levar a um uso excessivo e prejudicial, afetando o desenvolvimento dos adolescentes.

Alguns estudos sobre o uso de telas entre adolescentes típicos têm sido realizados, sobretudo após a pandemia do Covid-19. Contudo, ainda são escassas as pesquisas que buscam compreender os padrões de uso de telas entre adolescentes autistas e seus impactos específicos.

Nesse sentido, o presente estudo objetiva investigar o impacto do diagnóstico de autismo entre adolescentes na gestão do tempo de exposição às telas, quando comparados com adolescentes com desenvolvimento típico. A comparação entre adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e aqueles com desenvolvimento típico é essencial para identificar diferenças e semelhanças nos padrões de uso de tecnologia. Compreender essas nuances pode auxiliar na criação de intervenções mais eficazes e personalizadas, promovendo um uso mais saudável e equilibrado das tecnologias digitais.

METODOLOGIA

Participantes

Participaram do estudo 40 mães de adolescentes com idades entre 12 e 17 anos (idade média = 13,9 anos; desvio-padrão = 1,6). Entre essas participantes, 20 eram mães de adolescentes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA), enquanto as outras 20 eram mães de adolescentes com desenvolvimento típico, sendo, 90% mães de adolescentes do sexo feminino.

Os critérios de inclusão exigiam que as participantes tivessem idade igual ou superior a 18 anos e pelo menos um filho na faixa etária especificada. Para evitar viés nos resultados, foram excluídos da amostra adolescentes com outras condições médicas além do TEA. Além disso, crianças mais novas foram excluídas, uma vez que o nível de independência no uso de telas pode variar consideravelmente nessa faixa etária.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados consistiram em dois questionários distintos. O primeiro foi destinado às mães de adolescentes diagnosticadas com autismo e visava coletar dados sociobiográficos, abrangendo informações como idade, nível de escolaridade, renda, além de questões específicas sobre o diagnóstico de autismo de seus/suas filhos/as e possíveis comorbidades. O segundo questionário, também aplicado às responsáveis, focava na rotina e no uso de telas pelos/as adolescentes. Este questionário requeria autorrelato sobre o tempo médio que os/as filhos/as passam utilizando dispositivos eletrônicos.

Procedimento

A pesquisa seguiu os princípios éticos estabelecidos pela legislação brasileira sobre pesquisa com seres humanos, relatado na lei n.º 14.874, garantindo o consentimento informado e a confidencialidade dos participantes. A coleta de dados foi realizada por conveniência, abordando mães tanto online quanto presencialmente. As participantes foram convidadas a responder aos questionários em seus celulares, utilizando um link fornecido para as abordagens online ou um QR code para as abordagens presenciais.

Análise de dados

Os dados foram analisados por meio do teste t para amostras independentes, com o objetivo de comparar as médias de tempo de uso de telas relatado pelas mães entre dois grupos distintos: adolescentes com Transtorno do Espectro Autista e adolescentes com desenvolvimento típico. A análise estatística foi conduzida utilizando o software SPSS, versão 25, a fim de identificar diferenças significativas entre os grupos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A média de tempo de tela para adolescentes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em dias de semana foi de 6,5 horas diárias (desvio padrão = 2,99), enquanto a média para adolescentes com desenvolvimento típico foi de 5,4 horas diárias (desvio padrão = 1,50). Contudo, o teste t para amostras independentes não revelou diferença estatisticamente significativa entre os grupos [$t(38) = 1,29, p = 0,21$].

Nos sábados, domingos e feriados, a média de tempo de telas para adolescentes com TEA foi de 10,5 horas diárias (DP = 4,07), enquanto a média para adolescentes com desenvolvimento típico foi de 9,4 horas diárias (DP = 4,33). Da mesma forma, o teste t não demonstrou diferença estatisticamente significativa entre os grupos para esse período [$t(38) = 0,34, p = 0,62$].

No estudo realizado por Kuo *et. al.* (2014), foi constatado que os adolescentes diagnosticados com Transtorno do Espectro Autista (TEA) dedicavam metade do tempo à televisão em comparação com adolescentes com desenvolvimento típico, porém, utilizavam o dobro do tempo em computadores, principalmente para jogos. Ademais, observou-se que os adolescentes com TEA frequentemente assistiam televisão na companhia das mães, ao passo que os adolescentes com desenvolvimento típico tendiam a fazê-lo com amigos e não com os pais.

Embora os resultados da presente pesquisa não tenham demonstrado uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos analisados, chama a atenção o fato dos adolescentes avaliados neste estudo estarem usando telas por até cerca de 10 horas por dia, segundo o relato de suas mães. Segundo Nunes (2023), há um aumento generalizado do tempo de exposição às telas entre os adolescentes, sendo uma preocupação crescente, devido aos potenciais impactos negativos no desenvolvimento global dessa faixa etária: saúde física, saúde mental, desenvolvimento cognitivo, desenvolvimento social e rendimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados indicam que não há diferenças estatisticamente significativas no tempo de uso de telas entre adolescentes com TEA e adolescentes com desenvolvimento típico nesta amostra. No entanto, é importante ressaltar que este é um resultado parcial de uma pesquisa em andamento. Espera-se que ao final do estudo, que abrangerá uma amostra populacional consideravelmente maior, resultados significativos possam ser identificados, contribuindo para uma compreensão mais abrangente do tema e suas implicações para o desenvolvimento e bem-estar dos adolescentes com TEA.

Palavras-chave: Controle de telas, Transtorno do Espectro Autista, Percepção parental, Adolescentes.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar a minha grande gratidão ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do CNPq e da UFPB (PIBIC/CNPq/UFPB) pelo suporte financeiro fundamental que possibilitou a realização deste estudo. Além disso, quero agradecer a Dr.^a Lilian Galvão e à mestranda do programa de Psicologia Social da UFPB, Maria Gabriela Vicente Soares, pela orientação dedicada e pelas valiosas contribuições ao longo de todo o processo. Também é essencial destacar e reconhecer a importância de todos os colaboradores que participaram desta pesquisa; agradeço sinceramente a cada colega, amigo e membro da família que ofereceu seu apoio, incentivo e compreensão durante esta jornada científica. O sucesso alcançado é resultado do esforço conjunto e da colaboração de todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

ARANTES JÚNIOR, A. F., et al. Associação entre qualidade de sono e tempo de tela em adolescentes. Pesquisa, Sociedade e Desenvolvimento, [S. l.], v. 7, pág. e43810716714, 2021. DOI: 10.33448/rsd-v10i7.16714. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/16714>. Acesso em: 25 mar. 2024

ASSOCIAÇÃO AMERICANA DE PSIQUIÁTRICA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5-TR)**. 5. ed. Washington: Associação Psiquiátrica Americana, 2022.

BOZZA, T. C. O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil, 2016.

BRASIL. **Lei nº 14.874**, de 28 de maio de 2024: Dispõe sobre a pesquisa com seres humanos e institui o Sistema Nacional de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Diário Oficial da União, ed. 103, seção 1, p. 6, Brasília, DF, 2024.

FARIAS, M. N. Vício pelas telas digitais: Contribuições do pensamento de Christoph Türcke para a educação corporal. **Problemata: Revista Internacional de Filosofia**, v. 9, n. Extra 1, p. 159-178, 2018.

FERGUSON, C. J., et al. Screen time and sleep problems in children with autism spectrum disorders. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, v. 49, n. 3, p. 1149-1161, 2019.

FONSECA, P. N., et al. Uso de redes sociais e solidão: evidências psicométricas de escalas. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 70, n. 3, p. 198-212, 2018. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672018000300014&lng=pt&nr=iso. Acesso em: 20 mai. 2024.

KABALI, H. K.; et al. Exposure and use of mobile media devices by young children. **Pediatrics**, v. 136, n. 6, p. 1044-1050, 2015.

KUO, M. H. et al. Media use among adolescents with autism spectrum disorder. **Autism: the international journal of research and practice**, v. 18, n. 8, p. 914–923, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/1362361313497832>>.

MADIGAN, S.; et al. Association between screen time and children's performance on a developmental screening test. **JAMA Pediatrics**, v. 173, n. 3, p. 244-250, 2019.

NUNES, A. P.; et al. O uso de telas e tecnologias pela população infanto-juvenil: revisão bibliográfica sobre o impacto no desenvolvimento global de crianças e adolescentes. **Brazilian Journal of Health Review**, [S. l.], v. 6, n. 5, p. 19926–19939, 2023. DOI: 10.34119/bjhrv6n5-045. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/view/62790>. Acesso em: 29 may. 2024.

ROTTA, N. T., et al. Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e multidisciplinar. 2. ed. Porto Alegre: **Artmed Editora**, 2016.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. Manual de Orientação: #MENOS TELAS #MAIS SAÚDE. Grupo de Trabalho Saúde na Era Digital. 2019 Disponível em: https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient - MenosTelas MaisSaude.pdf